



PANORAMA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL BRASILEIRA A PARTIR DO V FÓRUM BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Maria Cordeiro de Farias Gouveia Matos - Universidade Federal do Rio de Janeiro
emaildamariamatos@yahoo.com.br

Resumo

Visamos construir um panorama da Educação Ambiental brasileira a partir do *V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental* (2004), com o conhecimento de características dos educadores ambientais brasileiros e das problemáticas trazidas por eles no encontro. Realizamos análise documental das fichas de inscrição, resumos dos trabalhos e relatórios da organização. O *V Fórum* aconteceu em um momento de expansão da área, possibilitada pelo aumento da sua legitimidade ao redor do mundo e por condições internas de nosso país, como a ocupação de cargos governamentais por sujeitos ligados a organizações da sociedade civil de Educação Ambiental e implementação de programas políticos na área. A partir deste teve início um novo período para a área no Brasil, com aumento da interlocução entre o Estado e a sociedade civil. Observamos a predominância de mulheres jovens no campo e enorme diversidade de temas e projetos. Verificamos a hibridização entre vertente conservacionista e a crítica.

Palavras-chave: V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental; Panorama; Histórico.

Abstract

This study provides an overview of Environmental Education in Brazil, through the *V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental* (2004). This investigation was developed from the observation of some Brazilian environmental educators and issues raised by them during the Forum. An exploratory study was performed based on the analysis of documents such as registration forms, abstracts papers and the organization's official reports. The *V Fórum* took place in a moment of expansion in the field. Not only the growth of legitimacy of Environmental Education around the world, but also internal factors in Brazil have contributed to this development. We find a large number of young women in the field and suggest that we are facing a hybridization moment, involving features of conservative Environmental Education and critical perspective.

Keywords: 5th Brazilian Forum on Environmental Education / V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental; Overview; History.

Introdução

Vivemos atualmente um momento de profunda crise socioambiental. Enfrentamos grandiosos problemas que demonstram a urgência de pensarmos sobre as relações que desenvolvemos entre nós mesmos e com o meio ambiente. Problemas tais como a desigualdade social nos países e entre os países, o desemprego crescente, o

analfabetismo funcional, a miséria extrema, epidemias, crise alimentar, crise energética, desertificação, perda de biodiversidade e tantos outros tornam inquestionável o fato de que precisamos construir novos caminhos, rever nosso modelo político-econômico, nossos valores e costumes. No reconhecimento de tantos problemas teóricos e práticos da contemporaneidade, precisamos, primeiramente, aprender a lidar com uma enorme diversidade de atores, papéis e campos sociais em ação e relação. Entre esses inúmeros campos, encontra-se a Educação Ambiental, delineada a partir dos anos 60 do século XX com o objetivo de pesquisar e dar respostas aos problemas nas relações entre a humanidade, o meio ambiente e a educação. Como um novo campo, a educação ambiental surge buscando reformular respostas para essa crise socioambiental que estamos vivendo. Assim, atualmente, é inegável a relevância de pesquisas em Educação Ambiental.

A necessidade de nos aprofundarmos no entendimento dessa área é corroborada pelo acúmulo de um descrédito internacional crescente enfrentado pela Educação Ambiental nos últimos anos (LAYARGUES, 2008). De acordo com LAYARGUES (2008), essa crise interna da Educação Ambiental pode ser explicada tanto pela fragilidade metodológica de sua prática quanto pela ausência de efeitos concretos, afinal, em mais de trinta anos de existência, ela não tem conseguido provar resultados na reversão da problemática ambiental no tocante as suas atribuições. Embora os princípios e objetivos da educação ambiental estejam razoavelmente esclarecidos, em diferentes documentos internacionais como a Carta de Belgrado (1975), Tbilisi (UNESCO –PNUMA, 1978) e o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (1992), e nas principais políticas públicas brasileiras de educação Ambiental (BRASIL, 1999 e BRASIL, 2005), os melhores meios para implementá-los permanecem desconhecidos. Para pensar e avaliar algumas destas questões é preciso primeiramente conhecer o que vem sendo feito em Educação Ambiental e os sujeitos envolvidos com essa área de ação e de saber.

Diversos autores se propuseram a investigar a Educação Ambiental e expuseram suas características. Lima (2005), por exemplo, analisou as condições históricas e culturais de surgimento deste campo no Brasil, principalmente no espaço acadêmico, bem como as possibilidades e limites que se colocavam para sua expansão e consolidação. Reigota (2007) delimitou e estudou a produção acadêmica em Educação Ambiental de 1984 a 2002 em um projeto de análise de teses e dissertações, procurando enfocar aspectos pedagógicos e políticos da pesquisa em Educação Ambiental. Outra discussão levantada por alguns autores diz respeito ao aspecto epistemológico do campo (FLICKINGER, 1994; SATO E SANTOS, 2003; e LUIZARI E SANTANA, 2007). Em outras investigações, pesquisadores expuseram alguns reducionismos que aparecem em projetos e pesquisas do campo e a necessidade do diálogo para superar tais reducionismos e construir uma educação ambiental crítica e emancipatória (GUIMARÃES, 2006; LAYARGUES, 2002; e LOUREIRO, 2006). Para que o diálogo seja possível precisamos antes estudar a Educação Ambiental no nosso país, tentando compreender quem tem atuado e que projetos têm desenvolvido.

Tais pesquisas realizadas dizem respeito especialmente à produção científica em educação ambiental, são investigações acerca das produções do meio acadêmico ou com sujeitos ligados a essa instância social. É claro que encontramos também investigações mais específicas sobre ações em Educação Ambiental (por exemplo, pesquisas em escolas, organizações não governamentais, movimentos sociais, descrição de projetos, entre outros), porém, em relação ao entendimento da área como um todo, as pesquisas

realizadas dizem respeito ao ambiente de pesquisa. Assim, precisamos ainda entender como a Educação Ambiental é realizada em outros espaços sociais, diferentes das universidades. Considerando que a educação ambiental vem conquistando reconhecimento público e irradiando-se através de reflexões e ações promovidas por uma diversidade de agentes que incluem não só as universidades, mas também organismos internacionais, organizações governamentais e não governamentais, movimentos sociais, e escolas, para compreender a totalidade da área precisamos estudar não só o que vem sendo produzido pelos pesquisadores, mas também por outros sujeitos e instituições. Existe uma lacuna investigativa em relação aos questionamentos trazidos pelo conjunto de agentes sociais que atuam em educação ambiental no nosso país, é ainda preciso levantar e sistematizar informações acerca dos trabalhos realizados por estes diferentes autores sociais que atuam na Educação Ambiental brasileira.

Referenciais teóricos e metodológicos

Pretendemos nesse trabalho construir uma visão geral da Educação Ambiental no Brasil a partir do *V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental*, maior encontro nacional da área, que incluiu a participação de pessoas pertencentes a diversos espaços sociais. Tentar compreender quem faz Educação Ambiental atualmente em nosso país, quais as principais problemáticas colocadas e de que forma os educadores e as educadoras ambientais buscam resolvê-las me parece fundamental para conhecer melhor essa área e contribuir para o diálogo na busca do crescimento, amadurecimento e potencial emancipatório do campo, capaz de gerar novos desafios e questionamentos na busca de uma sociedade mais democrática e igualitária. Reconhecemos que construir esse panorama a partir de um único encontro se traduz em algumas limitações, mas como uma primeira produção nesse sentido, acreditamos que poderá ser importante para a área. Além disso, dada a amplitude do encontro analisado e seu momento histórico, o levantamento poderá ser bastante significativo.

A trajetória da Educação Ambiental brasileira teve início principalmente a partir da década de 1980, pois enquanto o movimento ambientalista crescia no resto do mundo, nas décadas de 60 e 70, estávamos sobre a égide do regime militar. Nos anos 70 em nosso país a Educação Ambiental era entendida somente como porta-voz do movimento ambientalista, totalmente desarticulada dos saberes educacionais, se caracterizando como uma educação conservacionista, associada somente aos órgãos técnicos de meio ambiente. Não havia nesta época em nosso país a percepção da Educação Ambiental como um processo educativo, histórico, vetor de transformações societárias (LOUREIRO, 2004). Mesmo depois da Conferência de Tbilisi, marco internacional, a Educação Ambiental foi incorporada como uma premissa somente dos órgãos governamentais ligados ao meio ambiente (DIAS, 1991).

Apesar disso, ações posteriores contradizem esta visão inicial e evidenciam possibilidades diferentes, principalmente após o fim da ditadura militar. Na Constituição Brasileira de 1988 a Educação Ambiental foi incluída, marcando o início do seu entendimento enquanto política pública. Nos anos 90 importantes políticas públicas para a Educação Ambiental no Brasil foram desenvolvidas. Em 1992 foi criado o Ministério do Meio Ambiente (MMA) e no mesmo ano o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e de Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) instituiu os Núcleos de Educação Ambiental e o MEC criou os Centros de Educação Ambiental. Em 1994, em função da Constituição Federal de 1988 e dos compromissos internacionais assumidos, foi criado o Programa Nacional de Educação Ambiental (BRASIL, 2005), compartilhado pelo então Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da

Amazônia Legal e pelo MEC, com parcerias com o Ministério da Cultura (MinC) e o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Merece ainda destaque a instituição da Política Nacional de Educação Ambiental (BRASIL, XXX) de 1999 e a criação de seu Órgão gestor em 2002. Nesta Lei a questão ambiental é vinculada às questões educativas curriculares e extracurriculares, buscando que o educando aplique em seu cotidiano o que é aprendido no ensino formal. Nestas políticas públicas, entre outras, diferente de seu início conservador, a Educação Ambiental brasileira é entendida com um viés mais crítico, embora com algumas sérias contradições (SILVA, 2008). De acordo com Loureiro (2002, 2004), a perspectiva da Educação Ambiental crítica parte do entendimento de que a crise ambiental é indissociável do modelo político, econômico e social atual e das desigualdades decorrentes deste. Neste sentido, e como descrito nas próprias políticas, a Educação Ambiental deve contribuir com a transformação da realidade, através da emancipação dos sujeitos e da compreensão crítica da sociedade. A partir daí se constrói a conservação ambiental, que é também social.

Além das políticas públicas, outras atividades na sociedade brasileira foram realizadas. Entre elas inúmeros projetos foram alcançados em parceria entre diferentes setores sociais e pelos movimentos sociais. Foram criadas Redes de contato e articulação, entre elas a Rede Brasileira de Educação Ambiental (REBEA) em 1992 e diversas redes estaduais. Essas Redes são compostas por pessoas de entidades não governamentais, escolas, universidades e outras que se articulam em torno da educação ambiental. Politicamente essas Redes de Educação Ambiental foram fortalecidas nos últimos anos, articulações feitas através dessas Redes com o terceiro setor influenciaram políticas em Educação Ambiental do governo federal. Sánchez em sua tese de doutorado (2008) observa a participação da REBEA no fomento e na produção de políticas públicas (principalmente entre 2003 e 2008), inclusive com a participação nos quadros ministeriais no âmbito do governo federal, participando das linhas de atuação, programas e ações de governo que marcaram o cenário da Educação Ambiental nacional até recentemente.

É importante também colocar o desenvolvimento do campo de pesquisa em Educação Ambiental no Brasil e as discussões epistemológicas geradas. Enquanto campo de pesquisa a Educação Ambiental é muito nova, de forma que a fundamentação epistemológica do campo ainda vem sendo construída e discutida, ainda está se buscando um saber que dê especificidade e identidade ao campo da Educação Ambiental (LUIZARI e SANTANA, 2007). Trazendo autores de outras tradições, a Educação Ambiental vem se desenvolvendo enquanto campo de saber e pesquisa, com tensões e desafios a serem vencidos. Apesar disso, O número de publicações e pesquisas sobre o campo no Brasil é cada vez maior, assim como o amadurecimento das discussões, aprofundamento epistemológico e novas perspectivas de pesquisas. Como exemplo, cito a criação do Grupo de Trabalho em Educação Ambiental na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação (ANPED) e a realização dos diversos Encontros de Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA).

Assim como na trajetória da Educação Ambiental mundial, os eventos foram marcantes na história da Educação Ambiental no Brasil. Desde o *I Seminário Nacional sobre Universidade e Meio Ambiente*, que aconteceu na UnB em 1986, da *Conferência Oficial da ONU sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente* (conhecida como Rio-92), e da *Jornada Internacional de Educação e Formação Ambientais* realizadas na cidade do Rio de Janeiro em 1992, incontáveis outros eventos ocorreram, com público crescente e

de diferentes formações profissionais. Estes foram se tornando cada vez mais freqüentes e com público crescente. Destacamos os Fóruns Brasileiros de Educação Ambiental ocorridos entre os anos de 1989 e 2004, totalizando um histórico de cinco edições, sendo a última delas¹, o *V Fórum de Educação Ambiental*, o objeto de estudo deste trabalho.

A idéia de organizar *Fóruns de Educação Ambiental* no Brasil surgiu em 1989 na Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e Atividades Especiais da USP criada um ano antes para aumentar a inserção dessa universidade junto à sociedade, ampliando as atividades de extensão universitária. Nesse contexto, aconteceu em 1989 o *I Fórum de Educação Ambiental* com o apoio da reitoria da USP, que coordenava o processo, e em parcerias com a Secretaria de Meio Ambiente e a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, com a CETESB e com a ONG SOS Mata Atlântica. O objetivo inicial era diminuir a distância entre a sociedade e a universidade, de forma que o modelo pensado para a organização do evento buscou avançar pela construção de uma estrutura de encontro menos rígido e menos formal. Porém, sendo um projeto da reitoria da USP, esse modelo de organização acabou recebendo também alguns critérios acadêmicos, de forma que esse evento se constituiu como um evento não estritamente acadêmico, pois envolvia pessoas ligadas a outros setores da sociedade, mas contendo vários traços acadêmicos na forma de organização e estrutura. Isso se refletiu em todos os Fóruns posteriores. O tema do evento foi “a educação ambiental no ensino formal” e contou com a participação de 400 pessoas (SOUZA, 2007).

O *II Fórum de Educação Ambiental* aconteceu em 1992 na cidade de São Paulo, sendo bem maior que o primeiro (1200 participantes), reunindo não só pessoas do Estado de São Paulo, mas de outros Estados do Sudeste e inclusive alguns educadores de outras partes do país. Predominaram discussões de questões do ambiente urbano. Foi nesse encontro que se ampliou a discussão sobre a necessidade da criação de uma Rede de contato entre os educadores ambientais. Em 1994 aconteceu o *III Fórum de Educação Ambiental* que foi realizado na PUC-SP. Esse Fórum foi marcante por ter aberto a possibilidade de nacionalização dos Fóruns. O público era crescente e já oriundo de várias regiões brasileiras.

Os próximos Fóruns inauguraram uma nova dinâmica, passando de Encontro Regional a Encontro Nacional e sendo articulados por uma organização social de representantes de diversos espaços, a REBEA, e não mais pela USP. Isso trouxe novas características a esses encontros e influenciou a Educação Ambiental brasileira de outra forma.

O *IV Fórum de Educação Ambiental* ocorreu em 1997, fora do Estado de São Paulo, em Guarapari no Espírito Santo, apoiado pelos governos estadual e federal. O aporte dos governos estadual e federal influenciou a temática de discussão deste encontro, que esteve bastante voltada para a elaboração de subsídios para a construção de uma política nacional de educação ambiental.

Concluído o *IV Fórum*, começa a longa caminhada em direção a quinta edição, que demorou muito a acontecer devido à dificuldade de articulação para a organização do evento. No intervalo entre 1997 (*IV Fórum*) e 2004 (*V Fórum*) o crescimento da

¹ O *V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental* foi a última edição dos Fóruns no momento em que esse trabalho está sendo desenvolvido (maio de 2009), já que está previsto para acontecer em julho de 2009 o *VI Fórum Brasileiro de Educação Ambiental*.

Educação Ambiental em nosso país foi grande, o que foi refletido no *V Fórum*. O processo de construção do encontro foi favorecido com o apoio do Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental, o que foi possível principalmente por pessoas ligadas a REBEA e aos Fóruns anteriores estarem naquele momento ocupando cargos nessas instâncias do governo federal.

Com a garantia da nacionalização dos Fóruns, o *V Fórum* foi nomeado *Fórum Brasileiro de Educação Ambiental* e, de acordo com Souza (2007), ficou muito marcado pela diversidade de perspectivas em educação ambiental que estavam sendo representadas no nosso país.

O *V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental* foi o maior encontro nacional da área, com a participação de cerca de 4000 pessoas, e um dos mais marcantes na trajetória do campo no Brasil, por ter ampliado a participação de pessoas representantes de diferentes setores sociais. O movimento de transcender a participação acadêmica que já havia sido iniciado nos últimos encontros foi ampliado nesse evento, que foi muito além de um encontro estritamente acadêmico, reunindo não só pesquisadores da área, mas também outras instituições e pessoas envolvidas com a prática da educação ambiental, como professores, empresários, líderes comunitários, líderes de movimentos sindicais, entre outros diferentes movimentos sociais. Percebendo a importância histórica do *V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental* para a sociedade brasileira me aprofundei no entendimento de sua organização, dos sujeitos participantes e das problemáticas levantadas em uma tentativa de delinear um panorama da Educação Ambiental brasileira.

Para o delineamento de tal panorama e estudo do *V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental*, realizei uma análise exploratória documental. Os documentos estudados incluíram relatórios da organização do encontro, anais do encontro, fichas de inscrição de autores de trabalhos apresentados no encontro e resumos dos trabalhos apresentados. As fichas de inscrição dos autores de trabalhos (em um total de 506) foram categorizadas em gênero e faixa etária dos autores. Os resumos (em um total de 552) foram categorizados de acordo com o tema do trabalho, espaço pedagógico no qual o trabalho foi desenvolvido, objetivos em relação à Educação Ambiental, referenciais teóricos utilizados e setores sociais responsáveis pelo projeto apresentado (instituição pública, privada, parceria pública-privada, ONGs, não explicitado). A perspectiva de pesquisa adotada se baseia em um paradigma crítico, entendendo que ao preencher uma lacuna de trabalhos mais panorâmicos, buscamos contribuir para clarear algumas das contradições presentes na Educação Ambiental brasileira, contribuindo para seu amadurecimento e entendimento enquanto elemento de transformação social.

Resultados e conclusão

A análise de documentos do *V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental* e de seu contexto histórico mostrou que esse encontro representou um momento marcante para a Educação Ambiental no Brasil. O encontro de diferentes sujeitos sociais ligados à Educação Ambiental em nosso país ocorreu em um momento de ampliação do campo, momento de conquistas e articulações novas e importantes para a Educação Ambiental brasileira. Essa ocasião especial se reflete na formação atual do campo e representa um momento pontual para visualização da Educação Ambiental no Brasil. Esse contexto de expansão da Educação Ambiental brasileira na época do encontro pode ser explicado por diferentes razões.

A primeira diz respeito à conjuntura internacional. Nos anos anteriores ao *V Fórum* houve um aumento do questionamento da problemática ambiental ao redor do

mundo. Em diversas sociedades as questões ambientais eram cada vez mais legitimadas e reconhecidas enquanto um grave problema enfrentado pela humanidade, o que se refletiu também em nosso país. A diminuição da biodiversidade (extinção de espécies), a demanda energética, o desmatamento e a poluição de recursos hídricos chamavam atenção do mundo no final da década de 90 e início dos anos 2000. Soma-se a isso a grande exposição através da mídia das questões ambientais.

Condições sociais internas também explicam a expansão da Educação Ambiental no Brasil. O contexto histórico vivenciado pelo nosso país permitiu a ampliação do debate e mobilização em torno da Educação Ambiental. A redemocratização do Brasil, com a abertura a novos debates e perspectivas sociais, trouxe novos olhares para o campo. Algumas conquistas são representadas pela maior mobilização social acerca da temática ambiental, incorporação dessa discussão a políticas para educação formal, formação de Redes de articulação e organização de diversos encontros.

O fortalecimento do campo foi ainda favorecido com a eleição em 2002 do primeiro presidente de um partido considerado de esquerda no país, levando para instâncias governamentais da Educação Ambiental sujeitos ligados a vertente crítica do campo, que batalharam pela implementação de programas e políticas públicas em Educação Ambiental no Brasil. Algumas dessas pessoas tinham sido membros da REBEA, fortalecendo o movimento da Educação Ambiental nas Redes e favorecendo a organização do *V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental*. Esse contexto histórico de crescimento e o apoio governamental levaram à ampla participação e ao acontecimento do encontro em 2004 como uma marca na história da Educação Ambiental no Brasil.

A ampla mobilização em torno do *V Fórum* foi ainda favorecida pelo intervalo entre os encontros (o *IV Fórum* aconteceu em 1997). A expectativa na organização do encontro e a mobilização das diversas Redes e de diferentes agentes do campo atraíram um grande número de participantes, representando uma importante amostra do que era a Educação Ambiental naquela época e nos ajudando a entender esse campo hoje.

O *V Fórum* foi organizado pela REBEA, com auxílio do Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental, universidades, ONGs e associações particulares. As comissões organizadoras e as fontes de financiamento (em sua maioria instituições públicas, mas com a contribuição de algumas empresas privadas) mostram os diferentes setores sociais que participaram da estruturação do encontro. A programação incluiu diversas atividades, algumas com perfil tradicionalmente acadêmico, resquício da história dos *Fóruns de Educação Ambiental* que surgiram como um evento de extensão da USP para debates acerca da Educação Ambiental; e outras trazendo novas propostas, em busca de um encontro que incorporasse a contribuição de pessoas oriundas de outras instâncias, diferentes das universidades. As conferências, mesas redondas, testemunhos e outras atividades foram compostas por pesquisadores, gestores de políticas públicas em Educação Ambiental, sujeitos ligados a ONGs, Redes, Centros de Educação Ambiental, artistas, autoridades governamentais, entre outros. Mais uma vez mostrando a variedade de setores sociais incluídos no evento. O encontro de tantas pessoas ligadas a Educação Ambiental no nosso país foi uma das maiores conquistas deste evento. As discussões no encontro se deram em torno de processos de articulação do campo (fortalecimento de Redes) e de consultas e fortalecimento de políticas públicas em Educação Ambiental.

A diversidade da programação e estruturação do *V Fórum* foi também observada nos participantes do encontro. O estudo das fichas de inscrição dos autores de trabalhos

no encontro nos ajudou a construir um pequeno perfil do educador e da educadora ambiental brasileiros. Percebemos uma grande predominância de mulheres (Figura 1) jovens (Figura 2).

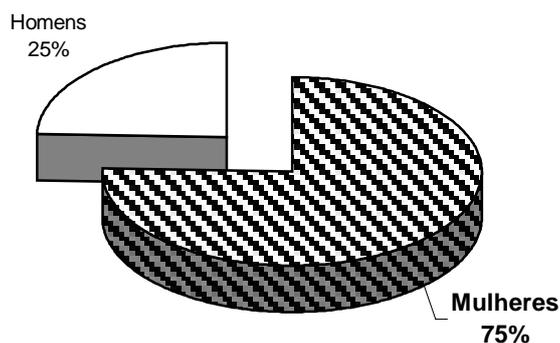


FIGURA I – Distribuição por gênero dos autores de trabalhos apresentados no V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental

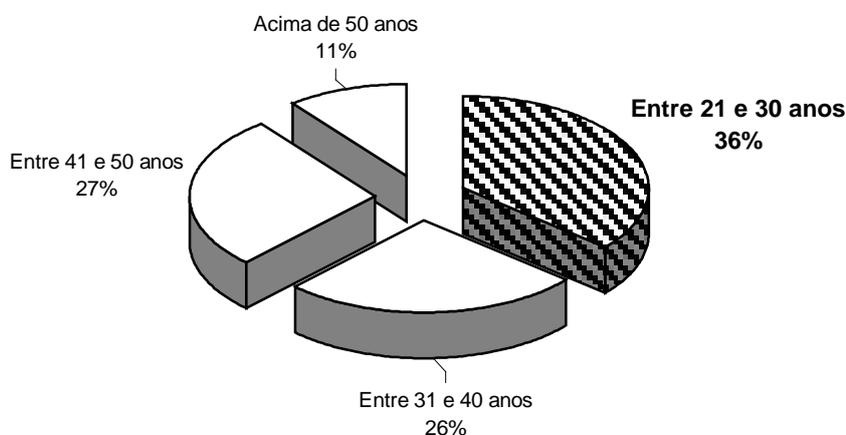


FIGURA II – Distribuição etária dos autores de trabalhos apresentados no V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental

Entendemos o predomínio de mulheres na Educação Ambiental como fruto da longa história da mulher professora na educação brasileira (SANTOS e LUPORINI, 2003). Já o maior percentual de presença da juventude, ao contrário, é consequência da história recente do campo ambiental e a atração produzida pelo mesmo para os jovens. Assim, essa participação reflete a hibridização do campo da educação (tipicamente feminino) e do movimento ambientalista (bastante jovem) na formação da Educação Ambiental brasileira.

Em relação aos trabalhos apresentados, o que mais percebi na análise desses foi a diversidade do que foi apresentado. Encontrei em minha investigação uma enorme variedade de temas de atividades em Educação Ambiental, uma enorme variedade de sujeitos em ação na Educação Ambiental brasileira, e uma enorme variedade de espaços pedagógicos nos quais se realizam atividades em Educação Ambiental. No V Fórum percebemos essas diferentes abordagens e acreditamos que, naquele momento, foi

importante a concentração em torno da articulação em prol da Educação Ambiental, independente das diversas perspectivas da educação Ambiental. Mas, precisamos agora refletir sobre como nessa articulação, explicitar as diferenças, respeitar essas diferenças, mas também nos abrir para o questionamento de nossas idéias e teorias.

Dentro dessa diversidade, houve um enfoque nos temas relacionados a vertente naturalista ou conservacionista da Educação Ambiental (EA). Nessa vertente a crise ambiental é interpretada como ligada apenas a questões ecológicas e técnicas, e não a questões econômicas, políticas, sociais e culturais. Predominou a categoria que denominei “conservação ambiental”, que incluiu trabalhos cuja ênfase estava na conservação de ambientes naturais, independente das condições humanas (Figura III).

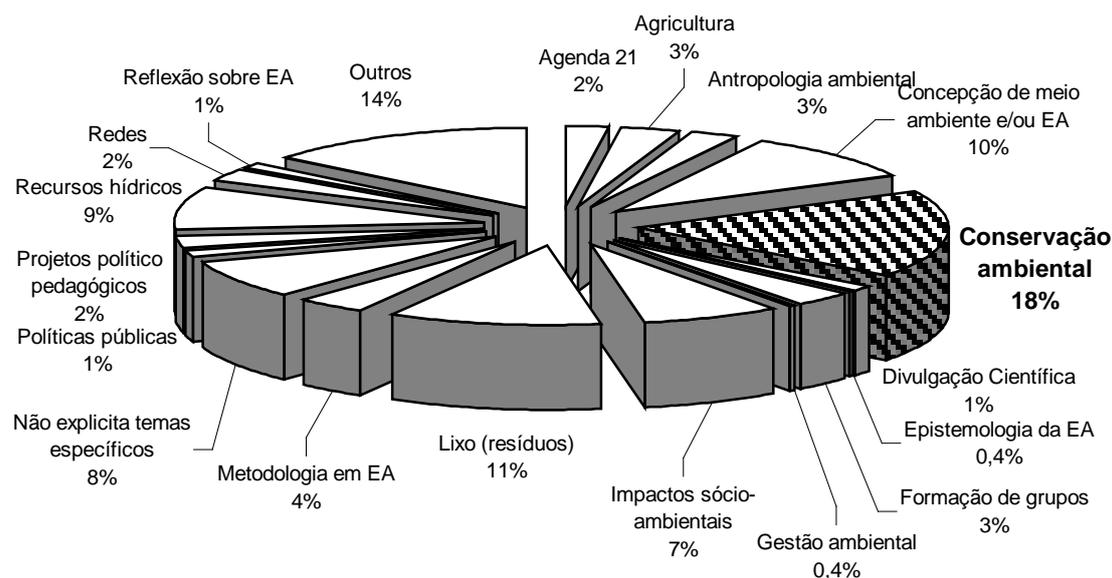


FIGURA III – Temas dos trabalhos apresentados no V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental

Ainda em consideração aos temas encontrados nos trabalhos, destaco o percentual superior a 10% observado para resumos que tratavam da questão do lixo, talvez por ser uma questão cotidiana concreta, que notamos facilmente, e ser um dos primeiros problemas ambientais que historicamente chamaram atenção das sociedades americana e européia, este seja ainda um assunto bastante abordado na educação ambiental.

Acreditamos que a Educação Ambiental esteja vivenciando atualmente um momento, que pode observar nos documentos do V Fórum, de convivência entre a vertente crítica e a conservadora, com o predomínio de uma nas ações (vertente conservadora, conservacionista) e outra no discurso (vertente crítica). Nas análises acerca dos referenciais utilizados pelos autores, entre os explicitados, a Educação Ambiental crítica se destacou, mostrando o crescimento dessa perspectiva, ao menos no discurso (Figura IV). No entanto, isso não foi verificado nos projetos apresentados no V Fórum, mostrando que há ainda uma lacuna a ser entendida e preenchida entre o determinado em políticas públicas e em publicações teóricas e o que vem acontecendo na prática.

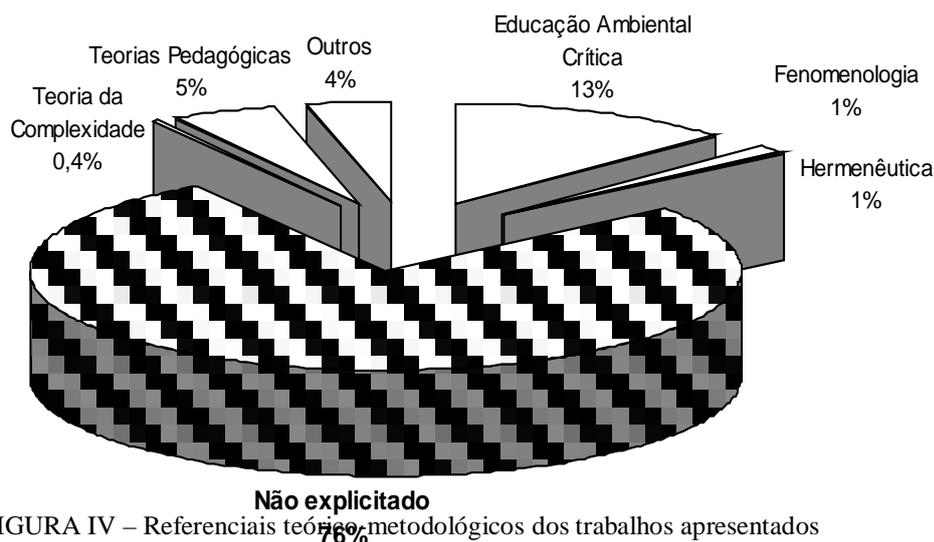


FIGURA IV – Referenciais teóricos metodológicos dos trabalhos apresentados no V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental

Esse distanciamento entre o que é recomendado pelas determinações e publicações e o que acontece nas práticas sociais (na maior parte) pode ser analisado pela inserção recente da Educação Ambiental na Academia. Enquanto campo teórico e conceitual a Educação Ambiental vem sendo estruturada a pouco tempo no Brasil, estamos ainda buscando uma identidade epistemológica para o campo e refletindo sobre que conceitos precisam ser aprofundados para um amadurecimento do campo enquanto produtor de conhecimento. Isso pode explicar o pequeno percentual de referenciais teórico-metodológicos que apareceram nos resumos analisados, indicando a necessidade de uma maior aproximação da produção acadêmica e dos movimentos sociais que hoje estão considerando a questão ambiental em seus questionamentos.

Chamo atenção ainda para o espaço pedagógico das universidades, com o percentual de 10% dos resumos analisados, segunda maior representação. O que mostra que a Academia enquanto responsável por investigações, discussões e pela formação superior de educadores ambientais é um importante espaço para o campo da educação ambiental.

Outra questão importante encontrada foi o destaque da escola enquanto instituição de ação em Educação Ambiental (Figura V). Esse espaço pedagógico se destacou claramente enquanto o local no qual têm sido desenvolvidas mais atividades do campo.

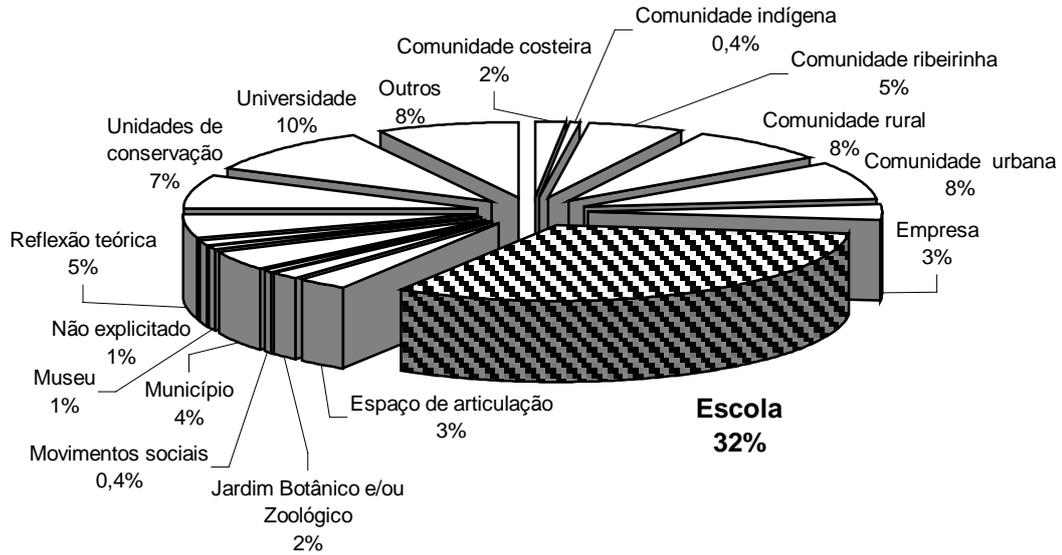


FIGURA V – Espaços pedagógicos nos quais os trabalhos apresentados no V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental foram desenvolvidos

Considerando que a escola é socialmente instituída como o espaço para educação de novas gerações, esse dado era esperado. É importante, no entanto, discuti-lo, pois mostra que precisamos enquanto pesquisadores em educação ambiental dialogar mais com as pesquisas do campo da educação no setor escolar. Precisamos conhecer mais e nos aprofundar no entendimento das condições concretas da escola antes de criar normatizações e políticas em educação ambiental para esse espaço social. Não servem políticas em educação ambiental distantes de políticas para a escola, é preciso investir em condições melhores de trabalho e ação na escola para pensarmos em efetivar as atividades em educação ambiental, afinal essas se darão na concretude da escola e dependerão das condições dessa escola.

A sensibilização foi considerada o principal objetivo relacionado à educação ambiental encontrado nos trabalhos do V Fórum (Figura VI).

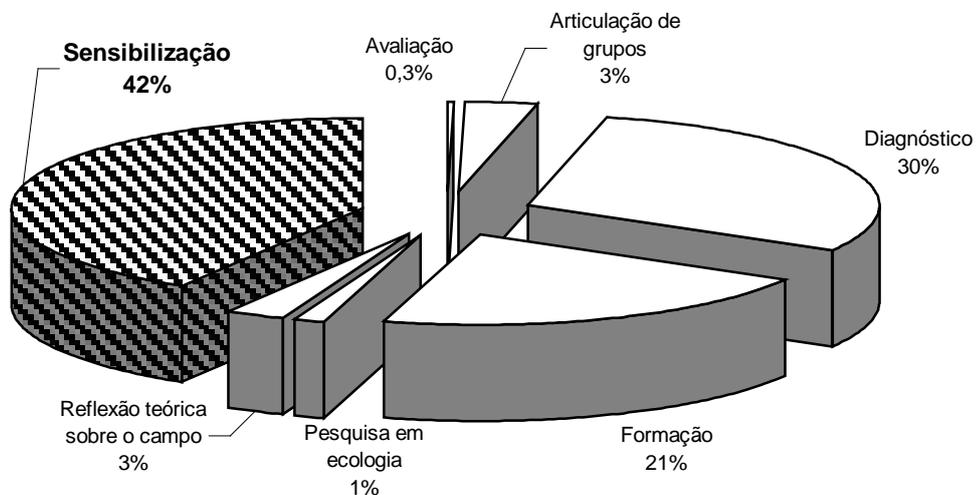


FIGURA VI – Objetivos dos trabalhos apresentados no V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental em relação à Educação Ambiental

Há que se reconhecer que ainda não sabemos a correta dosagem entre o domínio afetivo e cognitivo em atividades de Educação Ambiental. Pelos dados observados no encontro, percebo que os educadores estão procurando formação e exercendo atividades dando ênfase ao domínio afetivo. Isso destaca a necessidade de rompermos dualismos que separam a razão da emoção e pesquisarmos e pensarmos em metodologias que considerem a constituição humana em sua totalidade. Acrescentamos ainda que em todos os trabalhos que buscavam a sensibilização em relação às questões ambientais, a mesma estava calcada em valores positivos, ou seja, a natureza sendo entendida como sujeito e não objeto de apropriação humana. Por outro lado, alguns estudos concluem haver um engajamento ativo na proteção ambiental por parte de sujeitos afetados após vivenciarem episódios de impactos ambientais (LAYARGUES, 2008). Isso significa que há um aumento no potencial de mobilização para a questão ambiental por meio do desenvolvimento de valores negativos, enfatizando a relação de causalidade entre as ações antrópicas na natureza, e suas decorrências para a vida humana. Precisamos avaliar qual a melhor maneira de conseguir o engajamento do educando para a questão ambiental, uma primeira etapa a ser construída para uma Educação Ambiental mais efetiva.

Outros aspectos merecem ser comentados em relação a esses dados, como o pequeno percentual encontrado para avaliação de projetos e pesquisas em educação ambiental. De acordo com Layargues (2008), um dos motivos da crise interna vivenciada pela educação ambiental relaciona-se a impossibilidade de mostrar resultados na reversão da crise ambiental no tocante às suas atribuições, enfatizando, entre outros, a necessidade de utilizarmos mecanismos de avaliação do que tem sido feito em Educação Ambiental. Esses mecanismos seriam importantes para refletirmos sobre nossas ações e para expormos resultados concretos à sociedade. Vale notar também o pequeno percentual de trabalhos de reflexão teórica sobre o campo, o que pode estar demonstrando a ênfase da prática na Educação Ambiental, em detrimento da teoria, como já foi colocado por Guimarães (2006). Essa ênfase na prática pode estar relacionada a história do campo que surgiu como um movimento militante, o movimento ambientalista.

Nossos resultados também demonstraram a importância do Estado para a consolidação da Educação Ambiental. O *V Fórum* só foi possível com o apoio articulador e financeiro de instâncias governamentais. Além disso, a maior parte das pesquisas e atividades apresentadas aconteceu sob a responsabilidade de instituições públicas (Figura VII).

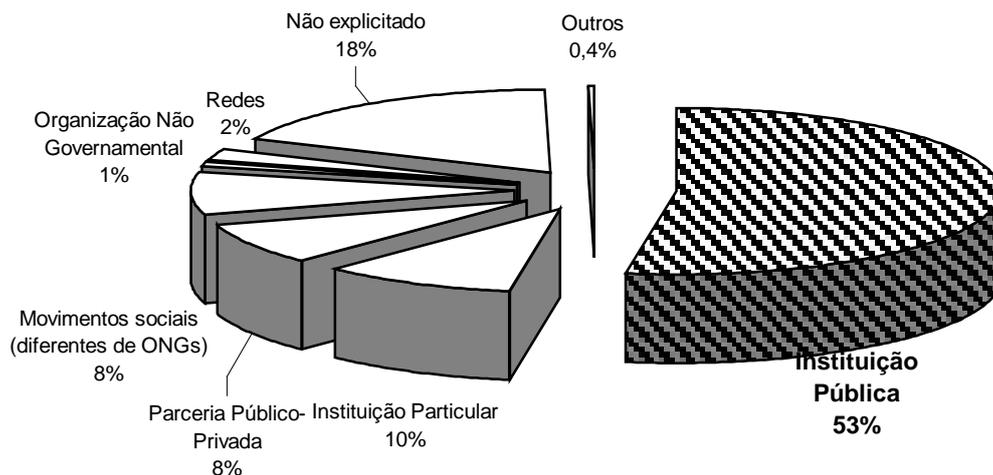


Figura VII – Setores sociais responsáveis pelos trabalhos apresentados no *V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental*.

Para finalizar, colocamos que a articulação conquistada a partir do *V Fórum* pode transformar os fóruns em espaços importantes para o debate acerca da Educação Ambiental. Debate entre educadores ambientais do espaço não-formal e educadores ambientais que vivem a concretude da escola, debate entre educadores que executam projetos em Educação Ambiental e acadêmicos do campo, debate entre os diversos vieses em Educação Ambiental, debate entre antigas e novas gerações de sujeitos educadores ambientais, e tantos outros debates que se mostrem necessários. Claro que não acreditamos que apenas nos espaços de debate as questões referentes à Educação Ambiental serão resolvidas, achamos apenas que esses encontros podem ser momentos importantes para pararmos e avaliarmos o que temos feito. E mais, momentos de nos aproximarmos enquanto diferentes sujeitos sociais que constituem a Educação Ambiental. Considerando que os fóruns surgiram como uma iniciativa de extensão universitária, esse pode ser seu sentido, unir para o debate e a construção, como a extensão se propõe a unir a universidade e a sociedade, em busca de uma práxis social mais consciente.

Essa articulação entre diferentes educadores ambientais foi uma das mais importantes conquistas do *V Fórum*, assim como a avaliação do Programa Nacional de Educação Ambiental e outras políticas e o fortalecimento das Redes. Além dessas conquistas, o encontro mostrou algumas das principais características e problemáticas da Educação Ambiental brasileira. E esse foi um relevante resultado, pois o conhecimento do quadro atual é um passo fundamental para o delineamento de programas efetivos de Educação Ambiental em todo país, numa visão de fortalecimento da área na busca de uma sociedade amancipada e verdadeiramente democrática.

Referências bibliográficas

- BRASIL. 1999. *Lei n.º. 9.795* de 27 de Abril de 1999. Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm Acesso em: ago. 2008.
- BRASIL. 2005. *ProNEA - Programa Nacional de Educação Ambiental*. Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental; Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental. 3 ed. Brasília: MMA, DF, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/pronea3.pdf> Acesso em: 14 out. 2008
- DIAS, G. F. 1991. Os quinze anos da Educação Ambiental no Brasil: um depoimento. *Em aberto* 10 (49), Brasília, jan/mar. p. 2 – 15.
- _____. 1992. *Educação ambiental, princípios e práticas*. São Paulo: Gaia.
- GUIMARÃES, M. 2006. Armadilha paradigmática na Educação Ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYARGUES, P. P.; e CASTRO, R. S. (orgs.). *Pensamento complexo, dialética e Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez . pg. 15 – 29.
- LAYARGUES, P. P. 2008. Educação para gestão ambiental: a cidadania no enfrentamento político dos conflitos socioambientais. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYARGUES, P. P.; e CASTRO, R. S. (orgs.). *Sociedade e Meio ambiente: a educação ambiental em debate*, 5 ed. São Paulo: Cortez.
- LIMA, G. F. da C. 2005. *Formação e dinâmica do campo da educação Ambiental no Brasil: emergência, identidades e desafios*. Campinas: Unicamp. Tese (Doutorado em Educação).
- LOUREIRO, C. F. B. 2002. *Educação Ambiental Crítica: Princípios Teóricos e Metodológicos*. 01. ed. Rio de Janeiro: Hotbook. v. 01. p.66. Disponível em: <http://www.zinzaswebsite.hpg.com.br/Z13/Kids/AZ/E.5/E.Ambiental.pdf> Acesso em 2006
- LOUREIRO, C. F. B. 2004. *Trajectoria e fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez.
- LUIZARI, R. A.; e SANTANA, L. C. 2007. Educação Ambiental e epistemologia da complexidade. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, Volume 18, janeiro a junho: p. 45 – 57.
- REIGOTA, M. 2007. O Estado da Arte da Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil. *Pesquisa em Educação Ambiental*. São Paulo: Volume 2, Número 1, Janeiro – Julho. p. 33 – 67.
- SÁNCHEZ, C. 2008. *Os nós, o laço e a rede: considerações sobre a institucionalização da educação ambiental no Brasil*. Rio de Janeiro: PUC-RJ. Tese (Doutorado em Educação).
- SANTOS, A. R. & e LUPORINI, T. J. 2003. Uma reflexão sobre a feminização no magistério. *UNOPAR Científica Ciências Humanas e Educação*. Londrina: Vol. 4, no 1, jun. p. 17 – 23.

SILVA, F. A . L. 2008. *A Formação do(a) educador(a) ambiental nos programas de pós-graduação lato sensu das instituições de ensino superior do estado do Rio de Janeiro: uma análise crítica*. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação (Mestrado em Educação).

SOUZA, I. V. de. *Fóruns de Educação Ambiental no Brasil: algumas articulações no horizonte da Educação Ambiental*. Rio Grande: FURG. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental), 2007.